

POSFÁCIO

VIRTUDES DA LITERACIA RETÓRICO-ARGUMENTATIVA

Não é pequeno o empreendimento de procurar articular as focalizações teórico-conceptuais do estudo da argumentação com as suas possibilidades de aplicação em sala de aula. E não é pequeno por duas ordens de razões.

Por um lado, o campo das teorias da argumentação é múltiplo e variado, tendo vindo a florir, a partir de meados do século XX, ao sabor do crescente processo de fragmentação e de especialização, em diversas áreas disciplinares, como sejam a filosofia, a retórica, a linguística, a análise do discurso, a lógica, a psicologia, a epistemologia, a comunicação, o ensino da língua, a formação para a cidadania. Essa diversidade de abordagens e de campos disciplinares interessados nos estudos da argumentação revela o carácter transversal e integral desta última no que diz respeito à pessoa humana. Aliás, não é por acaso que, no espírito da tradição humanista, a retórica já tenha sido vista como “a rainha das ciências humanas”¹ ou que o filósofo e teórico da argumentação Henry Johnstone Jr. (2018, p. 41) tenha sustentado que “[...] sem a natureza argumentativa, o homem não seria homem”. Há, de facto, algo de holístico na retórica e na argumentação, algo que não se deixa captar pela soma das partes, o apelo a uma inteireza que se esconde e assim persiste

1 W. Jens, da Universidade de Tübingen, citado em *L' Empire Rhétorique*, de Chaïm Perelman, 1977, p. 177.

quando a procuramos objetivar para fins de conhecimento. Reside aí, provavelmente, uma das suas atrações e um eventual motivo do fascínio que ela proporciona.

A retórica traz, no seu bojo, potencialidades instigantes. Assim, na opinião de Marques (2008, p. 1-2), “[...] a retórica e a valorização da argumentação trazem uma nova forma de trabalhar”. No que concerne ao sistema retórico, sublinha a autora, ele:

[...] parece adequado para tocar a complexidade, a vulnerabilidade e a contingência que caracterizam a comunicação mediática e a vertigem técnica e plurilogal das fontes e dos saberes. É adequado recordar que, segundo Pernot (2000, p. 277), “a retórica é um tema que afasta certas barreiras tradicionais entre as disciplinas e entre os períodos e que apela ao mesmo tempo à história dos textos, à história literária, à história, simplesmente [...]. Ela propõe uma metodologia moderna, porque descompartmentada”. E garante, às ciências humanas, “um pano de fundo cultural, uma memória”, ao mesmo tempo em que encoraja para “olhar para a ética”.

Já no que diz respeito à argumentação, e ainda segundo essa mesma autora, ela surge como:

[...] uma técnica e uma arte para lidar com a razão prática e impelir à acção; trata dos assuntos complexos da cidadania e da hierarquização dos valores, como a autodeterminação, a igualdade, ou a liberdade, num contexto multireferencial e numa dada situação; lida com a contingência e a verossimilhança e não com a objectividade ou a verdade – a sua racionalidade é sempre provisória (MARQUES, 2008, p. 2).

Na mesma linha de uma visão abrangente da retórica e da argumentação, são significativas as palavras de Kremer-Marietti ao estabelecerem um vínculo entre argumentação, cidadania e liberdade. Assim, refere Kremer-Marietti (2004, p. 84) que a teoria da argumentação é:

[...] não apenas muito útil mas também muito justa, no sentido em que introduz a justiça nas relações humanas e permite o respeito e o exercício da paridade entre os humanos. Por outro lado, tem a preocupação de apresentar, contra o argumento de autoridade que rege muitas vezes os discursos – mesmo os mais impregnados de retoricidade filosófica – a vantagem da simetria *inter pares* entre o orador e o ouvinte, e logo a liberdade de escolha deixada pelo orador (ou escritor) ao ouvinte (ou leitor).

Enfatizado, pois, o largo espectro da retórica e da argumentação, tornar-se-á mais simples perceber porque é que o seu campo de estudos não é de fácil acessibilidade teórica, constatação a respeito da qual Plantin (2016, p. 76) observou que:

[...] a explosão de interrogações teóricas em torno da noção de argumentação, a multiplicidade de disciplinas a ela dedicadas tornam redutor e arriscada qualquer definição global e incitam antes a caracterizar este domínio pelo feixe de problemas que o atravessam.

É, contudo, importante assinalar os esforços feitos por filósofos – e destacaria, a esse propósito, a obra de referência de Michel Meyer – no sentido de conferirem uma fundamentação filosófica à retórica e à argumentação, esforços que, infelizmente, são frequentemente negligenciados por quem se atém aos constrangimentos das circunscrições disciplinares.

Se, como vimos, do ponto de vista teórico, os tempos atuais parecem privilegiar mais a desmultiplicação de perspectivas do que os esforços de unificação coerencial do campo, levados a cabo na tentativa de evitar a dispersão por fragmentação e, por outro lado, se isso provoca dificuldades a quem se inicia nesta “terra de ninguém e de todos” que é a retórica argumentativa, o que dizer quando pensamos na sua aplicação em sala de aula e mesmo fora dela?

Por um lado, o regime disciplinar da organização curricular e a falta de articulação transversal e de abordagem multidimensional não tornam

fácil tal aplicação; por outro lado, a ênfase do atual ensino na capacitação técnica e instrumental não é também facilitadora para abordar algo que, mais do que ser encarado nas suas possibilidades instrumentais, deve ser antes de mais visto como um espaço de busca da inteireza de caráter e de integralidade da pessoa humana na sua dimensão social. A isso acresce que a própria dimensão emancipatória do espírito crítico implica uma maturidade cultural que só advém após uma formação inicial geralmente mais ancorada em processos de transmissão do que de questionamento.

No entanto, se reconhecemos que não é fácil ensinar argumentação nos primeiros anos de escolaridade nem por isso é menos essencial promover o espírito da cultura de argumentação através de atitudes e práticas que valorizem, entre outros aspetos, a escuta, o respeito pelos turnos de palavra, a desinibição para colocar questões, a iniciativa discursiva perante situações de desacordo, a capacidade de comunicar de modo diferente em diferentes contextos, o lidar de um modo argumentativo com a construção do conhecimento, o sentido de comunidade, a importância da coexistência através da negociação e a abertura para lidar com o plural e controverso.

Talvez não seja errôneo dizer que os conceitos de “letramento” e “literacia” remetem para essa dimensão integral em que, mais do que de ferramentas de acesso, se trata de dotar os indivíduos de competências participativas solidárias de uma vida ativa e afirmativa. Afinal, saber ler e analisar criticamente implica ter em consideração a argumentatividade da linguagem, sendo que, como assinala Amossy (2006, p. 19):

[...] a análise argumentativa apoia-se na ideia de que a aclaração de um funcionamento discursivo é também uma elucidação, se não um desvelamento, da forma como ele tenta agir sobre o parceiro. Dito de outra forma, a análise seria ela mesma uma ferramenta crítica.

Mas o contacto com a argumentação não se faz apenas através de textos e implica, também, o plano prático da cooperação social, o qual

não é isento de conflitos e de confrontos desafiadores das identidades individuais. Por isso, saber lidar com situações de argumentação, bem como com a tensão que lhes é inerente, perfila-se como uma competência cívica essencial nas sociedades democráticas atravessadas, para utilizar a expressão de Amossy (2014, p. 228), pela “coexistência no *dissensus*”.

O equilíbrio entre a dimensão de transmissão de conteúdos e o fomento ao espírito crítico faz com que os professores interessados na valorização da argumentação se desdobrem imaginativamente, desmultiplicando caminhos possíveis nas suas práticas pedagógicas. Faz diferença ser exposto a um mundo de informação torrencial de uma forma ingênua e sem competências de leitura crítica, e ser capaz de remontar às modalidades de funcionamento discursivo e aceder a uma leitura segunda que percebe a forma como somos interpelados e os propósitos dessa interpelação. Lembro-me, a esse respeito, como após ter procedido, em sala de aula, a um exercício de leitura que desconstruía anúncios publicitários, um dos alunos ter dito que não conseguiria voltar a ver a publicidade da mesma maneira. Ora, essa mudança de atitude é essencial na passagem de formas de estar pautados pela vulnerabilidade da exposição passiva para formas de ser mais críticas e ativas. Do mesmo modo – e pensando no peso que a internet adquiriu como fonte de informação – ter discernimento selectivo, perceber a importância das fontes e entender os modos de comunicação é algo que fará a diferença entre navegar na internet ou nela naufragar. Hoje é premente, para além dos deslumbramentos tecnológicos, termos a capacidade de controlar os nossos índices de exposição e evitar que sejamos explorados pela via do “dar atenção”.

Torna-se, pois, importante manter níveis de autonomia que, por um lado, nos protejam de dependências subservientes que nos tornam alvos fáceis de manipulação e, por outro lado, que mantenham acesa a busca pela voz própria, num processo identitário sempre em aberto e sempre em relação com o questionamento pelo sentido da vida e com a busca de quem se é e de saber onde se quer estar. Será que a formação se des-

tina a tornar submersa a voz própria ou a fazê-la florescer no jardim da auto-estima, da humildade, da convivencialidade e da responsabilidade?

Se respondermos pela segunda hipótese, então há que ir para além dos requisitos institucionais e potenciar – o que, reconhecemos, é uma árdua tarefa – os desafios que eles nos colocam.

O ensino da argumentação – embora reconhecido na sua importância para a formação de cidadãos críticos – está longe de ter um lugar próprio. Ao aparecer geralmente como um dos tópicos de uma matéria disciplinar – e assim acontece com a construção de redações onde supostamente se agenciam posições a favor e contra para concluir pelo socialmente correto, ou com o estudo das raciocínios e das falácias – pode gerar-se o efeito contraprodutivo de ofuscar a integralidade cívica das práticas argumentativas para além dos muros da escola.

Descolado de vivências significativas para além da obtenção de resultados escolares, o ensino de argumentação pode atrofiar as próprias potencialidades do lugar que a argumentação ocupa nas nossas vidas. É que, como lembrava Natanson (1965, p. 19), “[...] a argumentação implica a constituição de um mundo total do qual a formação de argumentos não é senão a parte superficial”. E, insistindo numa visão ampla e filosófica, Natanson (1965, p. 18-19) acrescenta que:

[...] o mais frequente é que o desacordo não seja uma disputa em torno de certas proposições, mas uma disparidade estilística. O desacordo é um modo de descobrir o estilo de espírito do interlocutor, de reconhecer a geografia do seu mundo. Ao mesmo tempo, é um meio através do qual a nossa própria liberdade é descoberta. A argumentação filosófica que corta com o mundo afetivo dos participantes é um falhanço retórico precisamente porque é um falhanço filosófico.

Um bom modo de contacto com a discutibilidade que subjaza às dinâmicas argumentativas são as experiências de debates sobre questões controversas em que haja uma dimensão deliberativa. Ou seja, em que

haja não só a necessidade de selecionar argumentos, de tematizar, de discorrer, de contrapor e de interagir com os discursos dos outros, mas também em que se tenha de tomar uma decisão. Com efeito, a vertente da discussão, quando associada ao plano prático da decisão torna ainda mais visíveis as dificuldades inerentes às situações argumentativas e à dimensão dilemática que tantas vezes as atravessam. A razão disso reside em que, quando se trata de discutir, torna-se mais fácil lidar com a pluralidade de posições do que quando se trata de fazer prevalecer uma decisão que, em termos práticos, implica descartar as outras pretensões.

Os textos reunidos no presente livro inscrevem-se no universo de preocupações que tentei esboçar, em traços largos, neste posfácio. Todos eles refletem a ideia de que, num mundo complexo, temos de ter um outro discernimento relativamente às mediações que nos rodeiam. E, ainda que esteja longe de poder ser considerada como uma via milagrosa para tudo resolver, as mediações argumentativas e as competências críticas que a sua consciência proporciona, aparecem como essenciais não só na produção de sentidos, como também nas práticas sociais que visam a uma coexistência com maiores índices de liberdade, esclarecimento e convivialidade.

Rui Alexandre Grácio
Coimbra/Portugal, maio de 2021.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.
- AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Collection dirigée par Michel Meyer. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.
- JOHNSTONE JR., Henry. Algumas reflexões sobre a argumentação. GRÁCIO, Rui Alexandre; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. **Contingência, incerteza e prudência: caminhos da retórica e da argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

KREMER-MARIETTI, Angele. Rhétorique sociale et métaphore du sujet. Perelman, Burke et Lacan *in* MEYER, Michel. **Perelman le renouveau de la rhétorique**, Collection « débats ». Paris: PUF. 2004. Disponível em <http://www.psychanalyse.lu/articles/MariettiPerelmanLacan.htm>. Acesso em: 13 jun. 2004.

MARQUES, Regina. Retórica e argumentação: origens e territórios de acção. **Revista Rhêtorikê # 0**. 2008. Disponível em: http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/regina_territorios_de_accao.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.

NATANSON, M. The Claims of Immediacy. *In*: NATANSON, Maurice; JOHNSTONE, Henry W. Jr. (ed.). **Philosophy, Rhetoric and Argumentation**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1965.

PERELMAN, Chaïm. **L’empire rhétorique** – Rhétorique et Argumentation. Paris: J. Vrin, 1977. (Edição em Português PERELMAN, Chaïm. **O império retórico**. Retórica e argumentação. Tradução Rui Alexandre Grácio e Fernando Trindade. Porto: Edições ASA, 1993).

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l’argumentation**. Une introduction aux études d’argumentation. Université de Lyon, ENS Éditions, 2016.